

FONTE : JB

CLASS. : 77

DATA : 15 06 90

PG. : 10

Pombo, o sucessor de Raoni, quer explorar riquezas de reservas

BELÉM — Um dos mais controvertidos líderes indígenas da Amazônia, o cacique caiapó Tuto Pombo, 65 anos, da aldeia quicretum, às margens do Rio Fresco, em São Félix do Xingu (distante de Belém cerca de 1.500 quilômetros), está se preparando para ganhar notoriedade e expressão nacional. Ele quer assumir o mesmo papel que seu tio txucarramãe Raoni tem desempenhado junto ao governo federal e a entidades mundiais interessadas na defesa da cultura indígena e do meio ambiente. Mas Tuto Pombo, que prefere ser chamado de coronel Pombo, ao contrário do líder txucarramãe de Mato Grosso, defende a manutenção das atividades garimpeiras e a extração de madeiras de lei em terras indígenas como forma de sobrevivência dos índios. Por isso, vai a Brasília nos próximos dias para encontrar representantes do governo e, também, para informar ao cacique Raoni que ele está proibido de falar em nome dos índios caiapós.

“O cacique Raoni não merece ser porta-voz da nação caiapó. Ele nada resolve, foi para o exterior, apareceu na televisão, falou em nome dos índios brasileiros e conseguiu dinheiro, mas quando chegou ao Brasil se distanciou dos índios”, acusou Tuto Pombo, que há duas semanas foi eleito principal cacique da nação caiapó por 32 chefes de aldeias. Mas os dois mais importantes líderes caiapó, Paulinho Paican e Cubei, não votaram. Eles estão no Xingu e ainda não se manifestaram sobre a posição de Pombo em relação a Raoni.

Pombo está em Belém para divulgar sua decisão; mas disse que não tem ressentimentos contra Raoni. “Não tenho raiva do Raoni porque ele é meu tio, e vou até ele explicar o que está acontecendo”. O cacique disse que foi eleito único representante da tribo porque era muito conhecido de todos os líderes. “Eu dava remédio, comida e transportes para os índios, tudo obtido com meu trabalho”, explica, lembrando velhos políticos.

De acordo com Pombo, Raoni começou a cair em desgraça ao defender o fim da exploração de madeira na reserva Quicretum, de 3.500 hectares, e das atividades garimpeiras.